RESENHA

AUSTER, Paul. Leviatã. Ed. Best Seller/Círculo do Livro, São Paulo, 1993.

Leviatã é um romance moderno e urbaníssimo, que fala de vários personagens, filhos dessa mesma moderna urbanidade. O principal deles é Benjamin Sachs, nascido em 6 de agosto de 1945 e que se auto-denomina filho da bomba de Hiroshima. Auster não força aqui uma coincidência fortuita: Sachs torna-se pacifista contra a guerra no Vietnã em finais de 60, é preso em razão desse engajamento e, nos anos 90, torna-se um terrorista procurado por explodir réplicas da estátua da Liberdade que, para ele, seriam o símbolo da hipocrisia americana.

Vista assim, a narrativa parece absurdamente linear e desvenda uma engrenagem por demais poderosa regendo o romance de Auster. É totalmente enganoso pensar que sua prosa se paute por essa linearidade. Auster entretece uma teia mais complexa sobre a experiência moderna e a coloca sob a regência do acaso. Todos os diversos personagens que passeiam pelo romance - e são vários transformam suas vidas ao sabor de casualidades e coincidências intercambiando experiências mas, sobretudo, identidades. E disto resulta uma prosa leve, ainda quando se trata de definir o que entende como o dado mais marcante da experiência humana deste século - na voz de Benjamin Sachs: a bomba é um fator central no mundo, o que nos destacará das demais gerações, a derradeira fronteira do espírito. E como a bomba e seus estilhaços com os quais nos deparamos no primeiro parágrafo do livro, dilacerando o corpo de Benjamin Sachs, é de fragmentos que se compõe a vida moderna, segundo a narrativa de Leviatã.

O que parece emergir desse texto narrado por Peter Aaron, um escritor da mesma geração de Benjamin Sachs, é que atrás da prosa leve os destinos estão à deriva. Isto é, a vida moderna coordenada

pelo acaso parece ser mais do que uma presa de um sistema que se faz invisível, mas totalmente presente na coordenação dos destinos dos homens. Quanto mais ao acaso, maior é a carência de projeto de uma geração que já nasceu assistindo aos horrores da história contemporânea, já protestou contra ela, e sucumbiu. Quanto mais casual a existência, mais forte parece ser a engrenagem que a rege. Não se trata exclusivamente do Estado, que perpassa o romance com sua presença controladora em vários níveis; é mais que isso, é o caos e o caldo da modernidade que definem destinos, sobretudo quando a história parece ter escapado das mãos dos homens.

Os personagens desse romance de Auster são aqueles que encontramos também na experiência cinematográfica de Win Wenders (para quem, aliás, Auster fez recentemente um roteiro), o flaneur e o voyeur modernos, que vagam pelo mundo em busca de si mesmos depois da perda da idéia de pátria, família e nação. Quase todos os personagens de Leviatã vagam nessa busca e se espreitam. E por fim, nós próprios espreitamos a vida de Sachs contada por Peter Aaron, antes que o FBI, que espreita todo mundo, dê outra versão dela.

A representação da impalpabilidade da experiência moderna fica por conta da fotógrafa Maria Turner, que no romance registra com sua câmara fotográfica as mais diversas e aleatórias trajetórias, incluindo a sua própria, numa demonstração de que, talvez, restem poucas formas de se conferir concretude à existência contemporânea.

A crítica tem aclamado Paul Auster como um dos grandes escritores da geração americana da atualidade. Propõe-no como o escritor do mal-estar americano. O próprio autor define-se como um escritor realista. Para ele, seus personagens não poderiam ser diferentes, porque a história é assim, e os fazem ser o que são. Para ele, os EUA são um país ao mesmo tempo terrível e maravilhoso, de cujo caldo cultural podem surgir as mais disparatadas personalidades, revelando faces ocultas, inclusive nas próprias pessoas que se amam e se julgam conhecer.

Resenha 125

Ao contrário de Wenders, entretanto e pelo menos, ao final dessa estória de mal-estar no mundo, sobra um significativo estado de afeto entre as pessoas que o compõe. E não é por outra razão que Peter Aaron (o narrador) se propõe a tornar pública a história de Benjamin Sachs. Em meio ao caos, pelo menos, o afeto.

Célia Aparecida Tolentino
Professora de Sociologia da Faculdade de Filosofia e Ciências da
UNESP em Marília, Doutoranda em Ciências Sociais na
UNICAMP.

Área: Desenvolvimento e Pensamento Social.